

REGENERAÇÃO

AVENÇA

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro
Composto e Impresso na
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração:
Rua Major Neutel de Abreu
FIGUEIRO DOS VINHOS

Joaquim Alves
Martins

28 DE MAIO

Director Escolar

Encontra-se já há dias entre nós, o sr. Joaquim Alves Martins, natural de Alge, considerado comerciante e proprietário em Lisboa.

O sr. Alves Martins, que à custa do seu trabalho e inteligência conseguiu uma posição de destaque no meio comercial e financeiro, pensa construir em Figueiró uma vivenda, a fim de nela passar com sua família uma parte do ano.

Congratulamo-nos com a disposição do sr. Martins, pois a construção que deseja fazer, sobremaneira beneficia a nossa terra, e também com as referências que fez à nossa região, ao progresso que esta vila e todo o concelho tem sofrido durante esta época da Revolução Nacional.

Este e outros valores nascidos no nosso concelho, lá fóra conseguiram à custa única e exclusivamente dos seus próprios recursos de trabalho e inteligência, situações de destaque.

Outrora estes valores nunca foram atraídos, pelo contrário, sempre que alguma coisa pretendiam em benefício da sua terra, eram sistematicamente prejudicados.

Dáí resultava o seu descontentamento, o abandono completo pela sua terra.

Hoje, felizmente, o critério é outro.

Os indivíduos, os valores de Figueiró espalhados pelo país além e até pelo estrangeiro, dada a forma, aliás merecida, de que esta região disfruta e ainda animados pela transformação progressiva que todo o concelho sofreu, com o Estado Novo, são atraídos e vêm até nós.

Uns, por curiosidade para ver finalmente se a propaganda que se faz, corresponde à realidade; outros por interesse agarrados ao torrão que os viu nascer, sentem-se orgulhosos por pertencerem a uma terra como a nossa, tão bela, tão progressiva. Neste caso está o sr. Martins.

A sua ideia primitiva era fazer uma casa em Alge, mas dada a demora que ainda tem a estrada em lá chegar, está na disposição de construir, dentro da área da vila, uma vivenda.

Folgamos pois, com a sua disposição e felicitamos os figueirense por mais este valor que vem enriquecer a nossa terra.

Milho

As autoridades locais, no intuito de acudir às necessidades motivadas pela deficiência em géneros alimentícios da população do concelho, esperam melhorar dentro de breves dias o fornecimento de milho para alimentação.

Passou mais um ano sobre esta data gloriosa da Revolução Nacional.

A-pesar-de serem decorridos 17 anos, os que vivem a Revolução Nacional, os que estão integrados dentro da doutrina do Estado Novo Corporativo, sentem-na como se fora ontem, recordam-na hora a hora.

Esta data memorável marca o início duma época de regeneração e revolução político-social, que se fez sentir em todos os sectores da administração do Estado, assim como na vida pública e particular.

Os dois Chefes—Carmona e Salazar—que operaram esta transformação, criaram uma concepção acerca da administração pública e, porque não dizê-lo, da particular.

A geração que se está a formar dentro desta nova ordem, há-de ser muito diferente daquela que a precedeu.

Os que viveram a última parte do antigo regime e os que experimentaram a desordem demo liberal, notam bem a diferença.

Todavia, há, a-pesar-de tudo, pessoas obsecadas, que não querem ver a realidade das coisas.

Para estas, em quem a paixão dos tempos passados não deixa ver a direito, não falamos.

Falamos, sim, para os novos, para aqueles que nos hão-de suceder.

E estes, quando amanhã lerem a história deste meio século último, ficarão como perplexos, ao confrontarem a transformação que a política do Estado Novo, a política de Salazar, operou em todas as manifestações de actividade.

Certamente suceder-lhe-á o que nos sucede a nós, quando comentamos as grandes realizações dos homens através dos oito séculos da nossa História.

Major Neutel de Abreu

Integrada nas comemorações do XVII aniversário da Revolução Nacional, a homenagem dos Heróis d'África realizada no dia 28 de Maio da Praça do Império, constituiu uma verdadeira apoteose e a consagração justíssima de todos aqueles que por obras valorosas e abnegados sacrifícios, levaram aos mais recônditos lugares dos sertões africanos, a bandeira da Pátria.

O sr. Major Neutel de Abreu, acedendo ao convite da Agência Geral das Colónias, em detrimento da sua modestia e do seu precário estado de saúde, para receber também as homenagens da Pátria agradecida, ofereceu mais uma vez a todos os Figueirense motivo de muito orgulho e alevantado rejúbilo, por verem representada a sua terra natal nessa tarde imemorable, por um dos vultos de maior relevo dentro a pleiade dos grandes constructores da soberania.

Da vida de Neutel muito se tem escrito. Mas, são sempre tão vivos, tão edificantes os seus exemplos de bravura e heroísmo que nunca é

(Continua na 3.ª página)

Esteve nesta vila, tendo visitado algumas escolas do concelho, o sr. Carlos Alves Mendes ilustre director escolar de Leiria.

Capela do Cabeço do Pião

Para a reparação desta capelinha, que se encontra num dos pontos mais interessantes desta vila e que foi construída por António Lopes de Paiva e hoje pertence à Comissão Cultural, ofereceu o sr. Joaquim Alves Martins a importância de quinhentos escudos.

No primeiro domingo de Agosto vai fazer-se a festa em homenagem a Santo António, que se venera nesta capela.

Todas as pessoas que vão abrihantar a festa fazem-no gratuitamente, revertendo o seu rendimento a favor da reparação da capela.

A Câmara é a entidade encarregada de dirigir e fazer a obra e todas as ofertas ficam à responsabilidade da Câmara, assim como cerca de quinhentos escudos, que se encontram já há tempo em poder do sr. Padre António.

Estrada de Chimpeles

Pelo Governo foi dotado com um subsídio mais um quilómetro da estrada municipal de Aldeia da Cruz a Chimpeles.

Com a construção de mais este quilómetro, a estrada vai ficar perto de Chimpeles, aproximando-se assim da povoação dos Moninhos, à qual vai interessar sobremaneira, estando os seus habitantes, assim como os de Chimpeles na boa disposição de auxiliar a sua construção.

Revista de Inspeção de 1943

São avisadas as praças na disponibilidade, das classes de 1937 a 1943 e as licenciadas das classes de 1921 a 1936, pertencentes a qualquer arma ou serviço, licenciadas na área do D. R. e M. n.º 15, que devem comparecer nos locais e dias abaixo designados, pelas 9 horas, com as suas cadernetas militares, a fim de lhes ser passada a revista de inspecção.

Freguesia de Figueiró dos Vinhos: 12 de Setembro

Freguesia de Campêlo, Arega e Aguda: 22 de Agosto.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

(Desde a descoberta até à industrialização)

6

(Conclusão)

A produção diária é de 100 toneladas de minério bruto, das quais resultam após as várias fases de tratamento hidro-mecânico, 2 toneladas de concentrados, que depois, transportadas à refinaria dão aproximadamente 200 miligramas de rádio, 3.600 quilos de urânio, e 56 quilos de prata.

Em 1936 produziram-se em Port Hop as primeiras 28 gramas de rádio e em 1937 a produção era já de 4 gramas por mês. Todo o rádio da indústria canadense é vendido fora do domínio, a razão de 700 escudos o miligrama.

O lucro líquido, dado pelos relatórios, foi em 1938 de 388.117 dollars e em 1939 de 158.947 dollars. Extrairam-se em 1938 27.770 toneladas de minério e no ano seguinte 33.373 toneladas, com um teor mais elevado que em 1938. Em 1939 havia ainda reservas viáveis de minério para 4 anos.

Para terminar vamos agora occupar-nos resumidamente da indústria do rádio em Portugal.

A primeira fábrica foi a da sociedade francesa «L'Uranie, Urbain, Feige et Cie» que, por volta de 1908 se instalou no Barracão, perto da Guarda, sobre as minas que possuía nessa região da Beira Baixa. Durante cinco anos trabalhou na extracção de sais de urânio e na preparação de concentrados radioactivos.

Em 1912 já com o nome de Sociedade «Uranie-Radium» continua a trabalhar, financiada pelo Banco Henry Burnay de Lisboa, que lhe vende o minério da sua Mina de Urgeirica, junto a Canas de Senhorim, distrito de Viseu, ao mesmo tempo que as concessões da Beira Baixa ficavam paradas.

Até 1925 produziram-se no Barracão sais de rádio puros e uranatos alcalinos.

Em 1918 fabricaram-se em Portugal mais de 5 gramas de Radium.

Entretanto em 1920 a sociedade tinha novamente mudado de nome para A. S. R. (Applications Scientifiques du Radium).

De 1926 a 1929, devido ao abajxamento de preço produzido pela grande produção do Congo Belga, deu-se uma paragem forçada na indústria do rádio em Portugal, mas desde então para cá sob a direcção sucessiva de duas companhias inglesas explorando principalmente a Mina de Urgeirica, retomou-se a actividade anterior, tendo-se produzido, de 1938 até esta data, mais de quinze gramas de rádio.

André Valmer

Camilo Castelo Branco

Há 53 anos — feitos em 1 do corrente —, acabrunhado pela cegueira e sem força moral para continuar uma existência sem perspectivas, Camilo Castelo Branco pôs termo à vida. A sua obra, contudo, perdurará como uma das mais fecundas e apreciadas da literatura portuguesa.

Entre os seus livros mais característicos contam-se: *Amor de Perdição*, *O Retrato de Ricardina*, *A Brasileira de Prazins*, *Agulha em Palheiro*, etc.



notícias do concelho

Figueiró dos Vinhos

Nossa Sr.ª de Fátima

No dia 30 de Maio, realizou-se nesta vila a festa em honra de Nossa Senhora de Fátima, que constou de missa solene pelas 14 horas, exposição e adoração do Santíssimo Sacramento e, à tarde, a procissão que percorreu as principais ruas da Vila.

Pouco depois do recolhimento seguiram-se várias cerimónias no meio das quais o Rev.º Pároco proferiu um sermão muito apreciado.

As festividades do mês de Maria prolongaram-se até 31, com a mesma concorrência e respeito dos dias anteriores. Para finalizar os festejos novamente o Rev.º Pároco subiu ao púlpito, pondo mais uma vez em relevo a fé dos figueiroenses e agradecendo comovido todo o auxílio prestado por todos a estes grandiosos festejos.

Campêlo

Dr. Simões Barreiros

Praticando o belo desporto de pesca às apetitosas trutas da Ribeira de Alge, tem estado entre nós, ultimamente, o nosso bom amigo e sr. dr. Manuel Simões Barreiros, muito illustre Presidente da nossa Câmara.

Engenho, de tracção animal em estado novo, vende-se. Quem pretender dirija-se a José dos Santos Granada, Figueiró dos Vinhos. 3-1

Visitas
Vindo de Lisboa, tem estado entre nós o nosso bom amigo sr. João Simões Pereira, que se fazia acompanhar por sua ex.ma Esposa.

Fonte de Campêlo
Tem sido grande o regosijo deste bom povo pelo facto de ter sido satisfeita uma das suas grandes aspirações: a fonte de Campêlo.

Nossa Senhora da Saúde
Realiza-se no dia 20 de Junho, no Fontão Fundeiro, a festa de Nossa Senhora da Saúde, que será abrilhantada pela Banda Municipal.

Obras
Consta-nos que vão recommençar dentro em breve os trabalhos da estrada de acesso à capela de Alge. Oxalá que assim seja.

— Fazemos votos por que brevemente se façam as reparações urgentes e imperiosas do nosso cemitério. E neste sentido apelamos para quem de direito.

Novo assinante
Inscreeveu-se como assinante de «A Regeneração» o nosso prezado amigo e sr. João Simões Pereira, de Campêlo.

CASA Nesta vila, a Fonte das Freiras, arrenda-se um primeiro andar, com instalações de água e electricidade, varanda, quintal e lojas.—Trata Carlos Lacerda.

Pedras luminosas

Pedras luminosas são corpos que possuem a qualidade de irradiar luz em estado frio, depois de transluzidas com luz ou—como se diz em física—depois de activados os seus electrões. Ressalta entre outros, o fósforo de tal maneira que passamos a denominar de fosforescência este fenómeno de irradiação de luz. Esta qualidade de fósforo, para a qual ainda há poucos decénios não se conhecia uma explicação, é devida a considerações especiais. Ainda jovem, Felipekenard, nascido em Pressburg em 1862, voltou-lhe a sua atenção. Ao principio, não encontrando uma explicação para o problema, chegou-lhe às mãos uma dissertação que explica assim: «O meu interesse aos fenómenos das descargas eléctricas em gases diluídos levaram-me um dia a ler o folheto Matéria luminosa ou quarto estado de agregação», conferência de William Crookers traduzido ao alemão. Pensei, isto deve ser coisa especial. Três estados de agregação conhecia, mas 4? E desde então principiei a fazer experiências.» E conseguiu dar bases firmes à produção de pedras luminosas, até então absolutamente insegura.

Foi à sua descoberta epocal do electrão livre e das leis que o regem, que se deu o primeiro passo para o emprêgo prático das obras descobertas. Pela fabricação de matérias luminosas, que podem ser reproduzidas quantitativamente, os elementos fóforicos, abriu um campo novo ao trabalho científico. Lenard pôde formular pela primeira vez em 1909, a ideia nítida de que o fósforo principia a emanar raios luminosos, no momento em que o electrão afastado da sua posição inicial retorna ao seu átomo. E

(Continua na 4.ª página)

QUADRO DE HONRA

Dignaram-se inscrever como assinantes de «A Regeneração» os Ex.ªs Srs.:

- João Simões Pereira, Lisboa
- Manuel Simões Arinto, Outeiro Grande
- Manuel dos Santos Morais, Portela—Arega
- António Bravo, Lisboa
- José da Conceição Raposo, Abrantes
- Joaquim Simões Abreu, Abrantes
- Joaquim Marques, Nodeirinho
- António Pinto Cardoso, Vila Velha de Ródam
- Viúva de Gabriel Coelho, Pinheiro—Chamusca
- Joaquim Coelho, Pinheiro—Chamusca
- João Coelho, Pinheiro—Chamusca

Cumprimentamos e Agradecemos



A colónia inglesa da Costa do Ouro ofereceu à R. A. F. uma esquadriha de caças Hurricane cujos pilotos são sul-africanos, canadianos, australianos, irlandeses e ingleses, e muitos dos quais já receberam condecorações. Na gravura, as metralhadoras de bordo são abastecidas.

O DESAFIO

CONTO por H. LOPES DE MENDONÇA

II

Ao descair da tarde, saía do seu palácio o capitão-mór da fortaleza de Mazagão, Francisco de Barros de Paiva, e, acompanhado por alguns fidalgos e cavaleiros, contornava a praça da vila, em direcção ao baluarte chamado do Capitão-mór, onde desembocava a ponte levadiça que sobre o fósso comunicava com a terra firme. Era aí que costumava de ordinário tomar o fresco, protelando por vezes pela noite adiante o colóquio com os seus mais íntimos.

Mas naquela tarde um acontecimento inopinado veio surpreendê-lo, exactamente quando dobrava a quina da praça grande e ia cortar através da rua do Arco. Da rua fronteira, chamada da Mina, que

conduzia ao baluarte Santo Espírito, desembocava a correr um soldado veterano de Africa, capeando para Francisco de Barros e gritando esfaldado:

—Senhor capitão-mór!
Este parou, juntamente com os portugueses que o rodeavam. O soldado aproximara-se. Cintilava-lhe o cossolete por sobre o coura de anta, e sob a celada gasta pelos combates afogueava-se-lhe o semblante tostado, que espessas barbas brancas emolduravam.

—Que é isso, Jerónimo Belo? que queres, meu valente?

O velho ategou com ruído, antes que pudesse explicar-se.

—Senhor capitão-mór, disse elle por fim, é um alfaqueque de Azamor que traz recado instante para Vossa Mercê.

—A estas horas? exclamou Barros admirado. Ruim causa o terá decerto. Que vos parece, senhores?

Os da comitiva entreolharam-se com um gesto de ignorância.

—A mim me parece, salvamor, que a melhor maneira de o saber é escutar o bebarro do alfaqueque, acudiu uma voz zombeteira e sonora.

O capitão-mór sorriu-se.
—Razão de sobra tendes, Pero Fernandes. Vamos ouvir coichar o marrão.

Apressadamente, encominharam-se todos para o baluarte Santo Espírito, situado no vértice meridional do quadrado quasi perfeito que abarcava a fortaleza. Era de junto dele, um poço a leste, quando a maré descobria a dilatada praia, que se recebiam as embaixadas dos emissários mouriscos.

Francisco de Barros atravessou o baluarte, que, ainda incompleto por ocasião do cerco, se tratava neste momento de concluir. E che-

gando ao parapeito, onde estava assestado o selvagem, grossa peça de artilharia com que os bombeiros de Pero de Goes tanto dano haviam feito aos mouros, debruçou-se. Além do fósso, na areia húmida, aprumava-se a figura elevada do alfaqueque, iluminada de chapa pelos raios do sol declinante, ao passo que o seu possante alazão imergia na longa sombra das muralhas.

Apenas avistou o capitão-mór de Mazagão, o mouro começou na sua voz grave e entoada:

—O louvor seja dado só a Alá! Ferrage Cabus, alcaide dos erentes em Azamor, me envia a ti, alcaide dos Rumis de El Bridja, para te dizer o seguinte: um nobre cavaleiro da nossa lei, servo humilde do Profeta, quer medir-se em razo campo com um cavaleiro dos vossos, até que a força dos seus braços e o poder supremo de Alá determine a morte de um deles. Em nome do poderoso alcaide e do nobre cavaleiro, desafio algum dos vossos que queira aventurar-se à luta!

—Eu! bradaram, unisonas, muitas vozes, do alto da muralha.

E ao mesmo tempo, todos os fidalgos e cavaleiros da comitiva do capitão o acercaram para fazerem valer os seus direitos à preferência. Francisco de Barros impôs-lhes silêncio com um gesto galhofeiro.

—Esperai, senhores! Vede que não se trata de conquistar todos os aduares da Ducala e da Enxcuvia...

—E' penal atalhou um cavaleiro, cuja armilha dourada reluzia de baixo da sobreveste de setim carmezim.

—E' pena, por certo, assentiu o capitão. Mas Deus Nosso Senhor ainda desta vez o não permite. Vamos nós ao que importa. Alfaqueque! bradou elle em voz potente, que dominou o rugir dos escarcéus de encontro à cortina do fosso, aguarda a resposta!

E sentou-se tranquilamente sobre o dorso bruído do selvagem, como se presidisse a um conselho de oficiais.

(Continua)

DA LUTA CONTRA A FOME

Como se descobriu a vacina contra a peste suína

(excerpto duma conferência de Kurt P. Jacobson)

Nas margens do Missouri, em vales muito fecundos, onde a cultura do milho dá ricas colheitas, este cereal é a forragem ideal do gado suíno que se cria em rebanhos formidáveis. É só natural que os porcos, cuja carne representa um alimento excelente, sejam submetidos às doenças naturais e que a sua morte contribua para aumentar a fome tanto dos criadores como dos consumidores. Especialmente no fim do século passado uma doença dizimou os suínos de toda a América. As autoridades veterinárias julgaram reconhecer nela os sintomas da chamada peste suína e mandaram Marion Dorset para o foco do mal como delegado da repartição da saúde pública.

Foi a sua tarefa, combater a doença por meio dum soro reconhecido pelos clínicos de categoria. Encontrou muitas fogueiras, onde queimavam os cadáveres dos animais mortos, que tinham sido criados com o destino de combater a fome humana.

Já vinte anos antes os biólogos tinham estudado a doença misteriosa e isolado dos cadáveres—segundo a moda do tempo—um bacilo, a que atribuíram a eclosão da peste suína. Este micro-organismo matou na verdade em doses mínimas—ratos e coelhos. E não se importaram os bacteriologistas com a inocuidade relativa da bactéria para com os próprios suínos, visto que pessoa de categoria reconhecida, como Weich, confirmava ser o bacilo que fôra isolado, quem produz a peste dos porcos. O critério escolástico é, desde os tempos mais remotos, o flagelo da investigação séria. Fizeram até uma vacina obtida dos micróbios pisados, extraídos e filtrados, que imunizou na verdade os pombos contra a peste dos suínos. Mas ninguém se importou com essa discordância de espécie e o remédio foi reconhecido como bom.

Só naquele ano desastroso, em que Dorset foi incumbido de salvar milhares de porcos por meio desta vacina, a gritaria dos criadores intrujados foi maior do que a voz autorizada dos veterinários; e Dorset teve que lutar em duas frentes: contra a fome e contra os seus superiores. Verificou primeiramente pelos relatórios dos criadores que o quadro verdadeiro da doença é bem diferente dos sintomas experimentais, observados nos laboratórios do Estado. Tratava-se, na verdade, duma doença contagiosa, mas observou um tempo de incubação de 8 a 12 dias até a eclosão da peste nos suínos infectados. Mais importante foi

ainda a constatação de que certos suínos se salvaram e se revelaram depois imunes para a doença. E no meio das suas observações a peste extinguiu-se sem outro motivo, que não fôsse a chegada do inverno.

Mas poucos anos mais tarde, na primavera houve outro alarme, e então Dorset começou as investigações sérias. Conservou o bacilo no seu laboratório, injectando a porcos saudáveis uns c. c. dum porco prestes a morrer. Poucos suínos escaparam, mas estes revelaram-se então resistentes contra a doença, como já tinham constatado os criadores há alguns anos. Estes animais nem mesmo sofreram, quando foram injectados com quantidades de veneno que chegavam para matar 120 milhões de suínos não imunes.

E Dorset demonstra agora que o bacilo superiormente reconhecido como causa da peste suína é estranho a ela. Ora, a doença provocada pelo falso bacilo não é contagiosa e, além disto os animais com êle vacinados, que escaparam quasi todos, não são resistentes contra a peste verdadeira. Mais demonstrativa é a observação de que o bacilo oficial ainda não se encontra no sangue dos doentes, quando êste já mata suínos saudáveis por injeção.

Dorset não desiste da esperança de fazer participar os porcos ameaçados da imunidade dos seus irmãos resistentes e sobre tudo da daquele suíno, que nem sucumbiu a uma injeção capaz de matar milhões de suínos. Junta o sangue deste animal imune ao sangue dum animal doente e verifica que a injeção desta mistura já não mata um porco de experiência. Parece artificialmente imunizado. E igualmente o sangue só dum animal imune torna os irmãos resistentes. Mas infelizmente averigua-se que esta vacina é só activa durante um mês, enquanto que a peste se mantém todo o verão. Foi portanto preciso recorrer a dupla vacina, tanto com o sangue do animal imune com o do animal doente, simultaneamente. Mas Dorset é prudente, repete muitas vezes a experiência e sacriticou ainda muitos porcos para salvar todos no futuro.

Oxalá que os sábios, que todos anos costumam descobrir o cura do cancro e outras doenças nefastas, tivessem a teimosia deste Dorset, para não desiludir a cada passo doentes por enquanto incuráveis. Dorset descobriu na verdade o método eficaz do combate da peste suína e salvou assim milhares de seres da fome.

Fonte de Aldeia Cimeira das Bairradas

A Câmara resolveu reparar a avaria que se deu na fonte da Aldeia Cimeira das Bairradas.

Grilhas

No artigo *Conversa amena*, publicado no nosso último número, saíram erradamente: *Garcia Martinho*, *circunstancial* e *contracção*; por *Garcia Martins*, *circunstancial* e *contradição*.

CINEMA

PÁTRIA FILMES apresenta na próxima terça feira, 8, pelas 22,15 horas, o filme colorido em cores naturais *Vale dos Gigantes*, do realizador *William Keighley* e com interpretação de *Wayne Morris* e *Claire Trevor*. Além deste filme são exibidos vários complementos, entre os quais *Jornal Vitória n.º 19*, com passagens da actual guerra, dum operador cinematográfico inglês.

Em redor duma conversa

(Continuação da 6.ª página)

saias "plástica", porque escola dimensionista só a conheço na pintura.

Claro: se não se tratasse dum erro de composição nas oficinas, tendo levava a crer que poesia e pintura abstracta encerravam iguais concepções, iguais conteúdos mentais, e o paradoxo tornar-se ia realidade.

E, supondo corrigido este por menor, vamos adiante.

Afirma V. Ex.ª que «a uniformidade da forma em poesia nunca foi absoluta». Para isso cito o facto dos endecassílabos e dos versos alexandrinos terem aparecido mais tarde e em épocas diferentes.

Ora o sr. dr. Costa Pinão, no seu livro: *Cantigas de el rei D. Diniz* (da Livraria Clássica Editora) já fala dos eneassílabos, dos decassílabos, dos endecassílabos, dos versos alexandrinos misturados com outros dodecassílabos, nas poesias do nosso Rei poeta.

Estas métricas, como se vê, já se empregavam no medievalismo, embora com acentuação diferente da que hoje têm.

E, aliás, o facto dos versos endecassílabos e alexandrinos não terem aparecido ao mesmo tempo, só vem provar que houve sempre o desejo de criar para a Poesia novas musicalidades, novos ritmos para manter, universalizando-se, a diferença entre Poética e Prosa.

Ainda não há muito tempo, na *Tribuna Literária* de «O Figueirense», da Figueira da Foz, saíu uma poesia minha com versos de 11 sílabas, de métrica diferente da tradicional.

Respiro da dita poesia, a primeira quadra:

Certa noite andava absorto a vaguear
Meditando mansamente em meus cuidados...
Quando ouvi atrás de mim uns passos certos...
Passos firmes, passos certos, cadenciados...

Este caso apenas pretende provar que se podem buscar novas métricas, sem que a musicalidade da poesia se altere, pois que já Gilbert Murray afirmou que a «poesia é música».

Poderia agora passar para o problema dos poetas *versilibristas* «cujas bases doutrinárias reside na anarquia das formas e na rebelião contra toda a disciplina métrica e estrófica», — segundo li algures, mas deste modo afastar-me-ia da questão (e já vou bastante arredio dela)...

Quanto ao repto, não o quero aceitar. Para quê? Isso viria provar-me, *a priori*, que, assim como V. Ex.ª era capaz de pôr na métrica tradicional as inspidas linhas que eu lhe mandasse, também os modernistas poderiam fazer o mesmo. Que, em verdade, se o não fazem, é algumas vezes por uma questão de revolta, outras vezes por uma questão de falta de geito para a métrica.

Por aqui me fico, pois que este artigo já vai mais longo do que eu esperava.

Agradeço a V. Ex.ª o conselho final da sua *«Conversa amena»* e confesso-me arrependido de ter escrito aquêle pedaço de vaidade pessoal.

Perdoe-me, porém, V. Ex., porque eu sou um novo, inexperiente, e é com trabalhos como o que V. Ex.ª me dedicou que eu procuro corrigir-me e limar certas arestas dos meus despreziosos conhecimentos.

Cria-me, com toda a sinceridade, um modesto admirador

Garcia Martins

A Saüdade

Pela vida em tora, nos momentos de alegria como nos ocassos de tristeza, na nossa alma reflecte-se poderosa e intangivelmente a influência grandiloqua dos tempos da mocidade, daqueles tempos fugazes que a nossa sentimentalidade alimentou num «à vontade» digno de registo e que hoje, anos volvidos, já tão distante nos parecem, cintilando radeantes na bruma do nosso passado. E é tão poderosa em nós, a nostalgia do passado, a saudade ingente que nos avassala dos belos dias de outrora, que a sua revivescência teimosamente se nos antolha como indispensável e rejuvenescedora, acalentando-nos momentos de incerteza e incutindo-nos fé nos transe de mais responsabilidade, em que a vida sempre nos é fértil.

E como traduz bem em toda a sua mágica contextura, em toda a sua grandiosa significação o sentido que pretende vincar, a bela palavra «saudade»! Palavra das mais sublimes e encantadoras que conheço na nossa lingua, tão bela e rica em vocábulos de significação superior, ela consubstancia, bem à evidência, a supericriidade da sua essência e a salvaguarda do seu valor. Palavra mágica que a nossa alma adora, e o nosso espírito cultiva em alto grau, ela faz reviver em nós a espiritualidade da nossa infância, isenta de cuidados de grande monta e de responsabilidades de qualquer espécie, ela é para nós a síntese perfeita e completa do mais agradável dos nossos tempos e é a sede dos nossos mais inolvidáveis sentimentos. Calafundo em nós o eco das suas recordações, penetra bem no âmago a ressonância da sua be-

néfica influéncia, ela é todo o mundo que nos alumia e nos esparge o clarão do seu deslumbramento.

E quando formos velhinhos, as alvas cãs a nevarem as nossas cabeças, o passo trémulo a fazer-nos vacilar, ao contemplarmos os netinhos que nos cercam com as suas garridices estríduladas e com o seu clamor infantil, como poderosa deve ser então a influência da saudade, fonte perene de todo o passado, mistério e manancial das derradeiras esperanças da nossa vida. O ancião vive do seu passado em toda a extensão da palavra; êle fá-lo sorrir e sonhar, fá-lo amar e confiar. Vivendo para a sua familia unicamente e acalentando com as suas mãos enrugadas a cabeceinha loira dos loiros bmbinhos que o cercam, de que havia de viver êle, quais os atractivos que o poderiam prender a este mundo? Amar e sofrer, eis as qualidades inerentes à velhice.

Ama na mais pura das intenções seus filhos e seus netos que em número maior ou menor o ajudam a suportar o fardo e o cercam de caricias e atenções; essa luz que a pouco e pouco se esvai tem de sofrer sem dúvida com as suas doenças e as suas impertinências. E á hora da sua morte, e quando o último suspiro, voltando os olhos já inexpressivos para o ceu, evoca pela última vez o seu passado, recorda com saudade os triunfos volvidos e as felicidades anteriores e encerrando as pálpebras exclama em éxtase:

— «Morrer, corolário inevitável duma vida de trabalho!»

Narciso Loureiro

Major Neutel de Abreu

(Continuação da 1.ª página)

espírito organizador, como o provam as instalações dos postos de Ligúria, Liúpo, Corrâne, Nampula, Xinga e Ribairé, a abertura de centenas de quilómetros de estradas de penetração, a montagem de linhas telegráficas, comunicações imprescindíveis aos serviços militares, e a cobrança de imposto de palhota que ascendeu em 1913 a 1914 a algumas centenas de contos.

Foi assim que este illustre Figueirense passou o melhor da sua vida ao serviço de Portugal, só descançando quando esta grande empreza declinou rendida ao Homem que a empreendeu e o seu corpo exausto se negou a obedecer ao espírito patriótico que sempre alumia o seu caminho.

Desdobramo-nos!—disse um Missionário português ao terminar uma curta biografia de Neutel—prestemos homenagem a tão patriótico vulto da nossa occupação, que soube, não só submeter à nossa sube-

rania o indígena da maior parte do Distrito de Moçambique, mas também cativá-lo e uni-lo à Mãe Pátria.

Honra ao Herói Nacional. Glória a Portugal, Pátria de tão grande filho.

A' hora em que Neutel de Abreu recebia em Lisboa a consagração oficial dos seus méritos, perante os dirigentes do Governo e da multidão que o aclamava e os seus companheiros de armas, estavam por certo no coração de todos os Figueirense as palavras do Missionário. Que o Major Neutel as aceite naquela linguagem que as coisas materiais do mundo não entendem, com o mesmo enternecimento e alegria com que outrora ouvia de milhares de indígenas, ecoando pelas quebradas dos sertões que desbravou, aquêlo grito envolto num mixto de respeito e adoração:

Ma-Hon! Ma-Hon!

J. Abreu Nunes



F. Vinhos C. Pera - P. Grande
SÉDE
FIGUEIRO DOS VINHOS

Manifesto de Lãs

Chama-se a atenção dos interessados para o que dispõe a portaria n.º 10 400, publicada no Diário do Governo de 22 de Maio último, obrigando todos os produtores a manifestar até ao dia 15 de Julho próximo as lãs de que são possuidores.

Os manifestos devem ser feitos nos impressos, para esse efeito, distribuídos pelo Instituto Nacional de Estatística, e entregues de harmonia com o que determinam os editais afixados por aquêlê Instituto.

Sulfato de cobre

Procedeu-se já à distribuição de sulfato de cobre para tratamento de batatas, distribuição esta que se efectuou nas sedes das freguesias que compõem a área do Grémio, tendo os serviços decorrido no meio da melhor ordem.

Batata

A Junta Nacional das Frutas, no intuito de controlar as necessidades do mercado no que diz respeito à venda da batata, resolveu chamar a si a distribuição daquêlê produto e fixar o seu preço.

Deixa, portanto, de existir o mercado livre, devendo os retalhistas fazer as suas requisições por intermédio da Junta Nacional das Frutas.

Em todo o caso, a batata não poderá ser vendida ao público por preço superior a 1\$20 o quilo.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas nesta redacção as assinaturas referentes aos nossos amigos:

António Antunes Amaro, Lisboa.

Manuel Simões Arinto, Outeiro Grande.

António dos Santos David, Almeirim.

Manuel Jorge Carreira, Cercal.

Eduardo José Salaborda.

Joaquim Simões, Campêlo.

João H. dos Santos, Arega.

Albano Antunes Morgado, Sazedas de S. Pedro.

Alvaro Nunes, Fontão Fundeiro.

Valentim Coelho da Fonseca, Pobrais.

Dr. Sérgio dos Reis, Figueiró.

António Francisco da Silva, Abrunheira.

José Coelho David, Salaborda Nova.

Cobrança

Vamos lançar uma nova cobrança. Pedimos a todos os nossos assinantes o favor de satisfazerem as assinaturas apresentadas, pois a sua devolução representará para nós um prejuízo sensível.

GELO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

Pedras luminosas

(Continuação da 2.ª pagina)

1913, Lenard descobriu o método de dirigir os electrões. Desta descoberta poderam ser desenvolvidas as válvulas emisoras e as válvulas acumuladoras da radiodifusão. Da convergência dos electrões levou à evolução do ultramicroscópio seguindo-se a descoberta da lei da permeabilidade de todas as matérias dos electrões livres. Os elementos fosfóricos são os empregados da televisão e na transformação das imagens. Servem para a iluminação de instrumentos, no avião e nos abrigos anti aérios—por exemplo.

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos

Café Central

Figueiró dos Vinhos

Anuncio

TRIBUNAL DA COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

2.ª Publicação
Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos e 1.ª secção, pende uma acção de curadoria definitiva dos bens do ausente José Freire, solteiro, maior, e em que é requerente o seu irmão Abilio Freire, casado, proprietário, morador no lugar do Casal do Pedro, freguesia de Aguda, desta comarca, e nos mesmos autos correm éditos, respectivamente de 6 meses e de 60 dias, citando o referido ausente José

Castanheira de Pera

Falecimento

Com a idade de 82 anos faleceu nesta vila, na sua residência, a ex.ma sr.ª D. Rosa Correia Bebiano.

A extinta, que era dotada dos melhores sentimentos, deixa muitas saudades em todas as pessoas que com ela convivia.

Era mãe dos ex.mos sr.s Mário Alves Bebiano, Domingos Alves Bebiano, importantes industriais neste concelho e da ex.ma sr.ª D. Deolinda Alves Bebiano e avó dos ex.mos sr.s Abilio Alves Bebiano, digno funcionário público, Adelino Alves Bebiano e António Alves Bebiano, empregados no comércio na praça de Lisboa e da ex.ma sr.ª D. Violeta Alves Bebiano Nascimento, esposa do ex.mo sr. Germano Nascimento, comerciante nesta vila.

O funeral, que se realizou para o cemitério local, foi muito concorrido, tendo se incorporado no mesmo pessoas de todas as camadas sociais, bem como se fizeram representar, comércio, indústria e Associações de Beneficência e Recreio. A família enlutada apresentamos os nossos mais sentidos pêsames.

Freire e interessados incertos, sendo estes últimos para contestarem, querendo, a dita acção no prazo de vinte dias, após a referida dilação de sessenta dias, a contar da segunda e última publicação deste anuncio.

Figueiró dos Vinhos, 13 de Maio de 1943.
O chefe da 1.ª secção
Jaime Ribeiro Sucena
Verifiquei:
O Juiz de Direito
Thomado Machado
O Jornal «A Regeneração» n.º 586 de 5 de Junho de 1943

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Mannel Simões Barreiros & Irmão, L. da

Concessionário:

Sede—FIGUEIRO DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 2136

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

CABAÇOS—COIMBRA			ANCIÃO — COIMBRA		
DIARIA (excepto aos Domingos)			às Segundas, Quartas e Sábados		
	Chegada	Partida		Chegada	Partida
Cabaços	—	5,30	Ancião	—	8,25
Alvaiázere	6,45	6,50	Alvôrge	8,50	8,50
Chão de Couce	7,25	7,25	Rabaçal	9,10	9,15
Pontão	7,35	7,45	Condeixa	9,40	9,45
Coimbra	9,15	15,30	Coimbra	10,15	16,00
Pontão	18,00	18,10	Condeixa	16,30	16,35
Chão de Couce	18,20	18,20	Rabaçal	17,05	17,05
Alvaiázere	18,55	19,05	Alvôrge	17,25	17,25
Cabaços	19,20	—	Ancião	17,50	—

Pontão - Pombal às quintas-feiras

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval) 24-1
Paragem em Coimbra, na AUTO GARAGEM. Telefone 701

Casa Arrenda-se nesta vila, à Fonte das Freiras, um bom res. do chão com instalação electrica Trata Carlos Lacerda.

Fogão Vende-se um fogão fogo circular para lenha ou carvão de 0,90 x 0,50, pés altos, em estado de novo, com caldeira de cobre e estufa, etc. Informa esta Redacção.

Vende-se Camionete Bedford, 4.800 quilogramas de carga, com licenças de aluguer, com 480 litros de gasolina mensalmente e regularmente calçada. Quilometragem andada 55.000 km. Trata Manuel Henriques — Vila Facaia, 6-5

Vende-se Uma carroça de molas em bom estado. Quem pretender dirija-se a esta redacção.



Carros de assalto alemães na frente Leste. O portador da Cruz de Cavaleiro tenente Orloff comandando os seus carros de assalto

c a r t a z
secção de publicidade

O anúncio é a maneira mais económica e eficaz de firmar os negócios — (Sir Charles Higham)

Galeria Portugal, L.^{da}

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE QUADROS
ANTIGUIDADES E OBJECTOS DE ARTE

Rua D. Pedro V, 66 e 68 — LISBOA
Telefone 2 7330

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.da

Armazém
de
Lanifícios

Figueiró dos Vinhos

Alvaro Amorim Pinto
Advogado

Castanheira de Pera
Em PEDRÓGÃO GRANDE:
tôdas as segundas-feiras

A. Teixeira Marques
ADVOGADO

Telef. 18 — Castanheira de Pera

Gustavo Coelho Godet

MODAS, FAZENDAS BRANCAS, MALHAS E MIUDEZAS
ESPECIALIDADE EM PANOS BRANCOS,
FAZENDAS DE LÃ E ALGODÃO

Completo sortido para enxovais de casamento; chales,
lenços de seda e de lã

ARTIGOS PARA BORDAR; ALGODÃO E LÃS EM FIO
Meias, camisas, chapéus e bonés; sempre novidades

Preços fixos sem competência

Figueiró dos Vinhos

PENSÃO COMERCIAL

Mesa esplêndida :: Quartos muito higiénicos

Quarto de banho com água fria e quente

Figueiró dos Vinhos - Telefone 9

**CONSULTORIO
DENTARIO**

A. MARTINS NUNES
DOENÇAS DA BOCA E
DENTES :: DENTES
ARTIFICIAIS

Consultas às **Sextas-feiras**
e aos **Sábados** até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA**
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório na
primeira quarta-feira de
Outubro

Consultório em Coimbra na
Rua Ferreira Borges, n.º 8

Galeria de Lisboa

Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores,
aguarelas, gravuras antigas a côr e a preto,
desenhos, litografias, estampas, mobílias, porcelanas,
faianças e objectos de arte antiga e moderna

Aberta das 14 às 19 horas

Largo de Arroios, 273, 1.º

(Antigo Palácio do Conde da Guarda)

Telefone 46873

LISBOA

**Armazém de Ferro,
Aço e Carvão**

Ulisses António da Conceição

Pombal :: Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, fer-
ramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro
grês e de fibro-cimento

Agente-depositário de

Cimento LIZ—Produtos LUZALI-
TE—CERAMICA DE PAVEIRO
Cal hidráulica MACIEIRA 24-13

- os melhores preços -

O Livro

Doze Anos de Administra-
ção Municipal, do dr. M. Si-
mões Barreiros, vende-se no es-
tabelecimento de **Mesquita
& Irmãos, L.da**, Figuei-
ró dos Vinhos. Remete-se à
cobrança.

João Leal da S. Tendeiro

Médico Veterinário Municipal
Clínica Geral
Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

**Banco Espírito Santo
e Comercial de Lisboa**

SEDE — **LISBOA**

Filiais—Braga, Coimbra, Covi-
lhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril,
Gouveia, Mangualde, S. João da
Madeira, Santarém, Torres No-
vas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Escola de Corte Luc

RUA ADELINO VEIGA, 14-1.º

Coimbra

Professora diplomada ensina cur-
so geométrico completo, habilitando
a executar vestidos e casacos e
roupas interiores de senhora e crian-
ça e roupa interior para homem,
em 33 lições. Também ensina cos-
tura e vai a casa das alunas.

Para informações, dirigir à ex.^{ma}
sr.^a D. Hermeia Lopes da Silva—
Figueiró dos Vinhos.

Estabelecimento de materiais de construção

DE

Santos, Lopes & Prista, L.da

Praça José Malhõa ● **Figueiró dos Vinhos**

Agentes da «Cerâmica Prista, L.da» e do cimento «Tejo»
Loiças sanitárias, Azulejos, Mosaicos, Grês, Gesso, Ferra-
gens, Vidraça, Tintas, etc.

Encarrega-se da instalação de casas de banho
e de quaisquer trabalhos de construção

Joaquim J. Fernandes

Médico Municipal

Clínica geral

Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

A. Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos

J. M. Albuquerque Dias

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos

Domingos Duarte

Médico da Casa do Povo

Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Doenças de Pulmões

Partos

Clínica Geral

Consultório e residência:

Figueiró dos Vinhos

Mesquita & Irmãos, L.^{da}

Sapataria

Papelaria

Artigos de novidade

A casa do género mais bem sortida do norte do Distrito

Figueiró dos Vinhos

Boletim Bibliográfico

Os cossacos, romance de Leo Tolstoi. Coleção Os romances sensacionais, Portugália Editora - Lisboa, 1943.

Os romances de Tolstoi, entre os quais contamos Os cossacos, Ana Karenine, Guerra e Paz, Ressurreição, A sonata a Kreutzer, O Bilhete falsificado e tantos outros, valem como documentos históricos e psicológicos. Toda a vasta e rica galeria de tipos contemporâneos ou posteriores à invasão da Rússia pelos exércitos napoleónicos, perpassa numa realidade que nos é dada pela justeza do pormenor, o encadeamento das situações criadas pela vida em sociedade ou pelo personagem em si, o poder de análise descritiva que tanto foca um baile ou uma recepção no Palácio Imperial como a vida humilde do soldado e do mujique.

Há em Os cossacos o mesmo anseio de pureza e libertação existente em Ressurreição; porém, enquanto neste último romance, Nekhludow, numa crise reveladora de consciência, procura identificar-se com o bem - que, para Tolstoi, consiste primordialmente na identificação dos grandes com o povo, uma vez que, no seu tempo, o inverso não seria possível -, em Os cossacos, romance excepcional que decorre nas aldeias cossacos, ricas em folclore e costumes típicos, Olenine, amando inicialmente Marion como mais um simpático elemento da paisagem maravilhosa do Cáucaso, acaba por se apaixonar e por a tentar conquistar ao cossaco Lucas. A tradução, de Branca Rumina, é correcta, e o aspecto gráfico elegante, como todos os livros da mesma colecção.

A Granja de Stepanchikovo, romance de Dostoevsky (mesma colecção).

Na curta nota que antecede este livro, os editores falam numa certa influência de Paulo de Koch sobre Dostoevsky, - porém é facto que há maior distância entre A granja de Stepanchikovo e os livros superficiais daquêle humorista francês do que da descrição dramaticamente analista de Crime e Castigo. O humorismo de Dostoevsky, essencialmente psicológico, sabe a lágrimas: Fomá Fomich é o símbolo dos hábitos psicológicos parasitas que conseguem viver à custa da humanidade aproveitando as fraquezas dos homens. Sem atingir a profundidade mental de Raskolnikoff - personagem central de Crime e Castigo -, Fomá Fomich representa uma mentalidade híbrida, pronta a adaptar-se às circunstâncias mais estranhas e a tirar proveito delas.

O humorismo, ora discreto ora roçando pelo burlesco - em situações extravagantes mas com a lógica dos factos quasi-possíveis - que matiza o fundo dramático da acção de A granja de Stepanchikovo, é, na obra de Dostoevsky, um elemento dulcificante das suas obras profundamente trágicas, de que Crime e Castigo e Recordações da casa dos mortos atingem o expoente, - como que um raio de sol que não consegue transpor por completo as névens que o rodeiam.

O convento, novela de Pio Baroja. Biblioteca de Algibeira, Portugália Editora - Lisboa, 1943

A obra de Pio Baroja, um dos

maiores escritores espanhóis contemporâneos, não fora, até hoje, vertida para a nossa língua a não ser em excertos curtos inseridos em publicações periódicas. Se bem que O convento seja insuficiente para se aquilatar da importância e valor literário dos seus escritos - trata-se duma pequena novela de 122 páginas, da série Memórias de um Homem de Acción - é já um passo para a sua expansão entre o público português a iniciativa da Portugália Editora, publicando-o, na Biblioteca de Algibeira, ao lado de nomes como Kuprins, Balzac, Tolstoi, Edgar Poe, Gorki, etc.

Cartas, de Manuel Laranjeira. Com prefácio e cartas de Miguel Unamuno. Coleção Documentos humanos. Portugália Editora, - Lisboa, 1943.

Como muito bem se frisa na Nota dos Editores, há várias interpretações para o termo «documento humano», mas que se podem extremar, como termos opostos, nas concepções de humano como social ou individual. Como social, um documento humano será o que represente a vida colectiva de dado momento histórico; como individual, a contribuição duma personalidade profunda. Preferindo esta última maneira - toda obra escrita em que se documente de qualquer maneira uma forma de individualidade profundamente humana -, inicia a Portugália Editora a colecção Documentos humanos com Cartas de Manuel Laranjeira, médico, escritor e poeta.

Há autores de renome que na sua correspondência particular não têm quaisquer cuidados de estilo; outros, pelo contrário, consideram-na como mais uma forma de criação literária e escrevem-na com uma perfeição, que nos seus livros não é excedida. É este o caso de Manuel Laranjeira, - artista sensível e pessimista que só o suicídio libertou do seu «demónio interior». A seguinte transcrição sintetiza quanto acabamos de dizer: «O espírito do homem contemporâneo voou muito alto, a uma altura que o coração humano não pôde atingir. O resultado é o homem pedir (exigir - é que é) à vida coisas que ela não pode dar. Exigir à vida impossíveis é falhar: é, como aconteceu ao dr. Fausto, cair no abismo ao tentar abraçar o infinito: é a desgraça dos que só podem viver a vida idealmente concebida.»

Literatura russa, por Agostinho da Silva. Cadernos de Informação Cultural Iniciação, Lisboa - 1942

O A. apresenta esquematicamente a evolução da literatura russa, desde o claro solitário do Canto de Igor, no século XII, até aos escritores actuais Vsevolod, Ivanov, Gladkov e Nevierov, focando especialmente o desenvolvimento literário exuberante que marca, na segunda metade do sec. XVIII, o apogeu da história literária eslava. As diversas fases surgem, na representação dos principais escritores da época, com as suas tendências morais e nacionais, dependentes do quadro social que, na Rússia mais do que em qualquer outro país, tanto influenciaram na literatura.

João Tendeiro

A criação do belo

Há dias em que o homem acorda com um poder criador jovem e vigoroso. Apenas alivia as pálpebras do sono que as selava, o mundo exterior oferece-se-lhe com um relevo potente, uma nitidez de contornos, uma riqueza admirável de cores. O mundo moral abre vastas perspectivas, cheias de novas claridades. O homem gratificado com esta



BAUDELAIRE

Linóleo de João Tendeiro

beatitude, infelizmente rara e passageira, sente-se ao mesmo tempo mais artista e mais justo, numa palavra, mais nobre. Mas o que é mais singular neste estado excepcional do espírito e dos sentidos, que posso sem exagero chamar paradístico se se comparar com as pesadas trévas da existência comum e diária, é que não foi criado por nenhuma causa bem visível e fácil de definir. Será o resultado duma boa higiene ou duma vida tranquila? Eis a primeira explicação que surge no espírito; mas somos compelidos a reconhecer que, muitas vezes, esta maravilha, esta espécie de prodígio, se produz como se fosse o efeito duma potência superior e invisível, exterior ao homem, depois dum período em que este abusou das facultades físicas. Diremos que é a recompensa da oração assídua e dos ardores espirituais? É facto que a elevação constante do desejo, a tensão das forças espirituais para o céu seria o regime mais próprio para criar esta saúde moral, tão brilhante e gloriosa; mas em virtude de que lei absurda se manifesta às vezes depois de culpáveis orgias da imaginação, depois do abuso sofisticado da razão, que são para o seu uso honesto e razoável o que as sortes de contorção são para a ginástica sa? É por isso que prefiro considerar esta condição anormal do espírito como um verdadeiro estado de graça, como um espelho mágico em que o homem é convidado a ver-se belo, isto é, tal como podia e devia ser.

(Ch. Baudelaire - Variétés Critiques)

Trad. de J. T.

Dinheiro acessível...

O Banco de Inglaterra, ou como se diz em Londres, o Banco, deixou de imprimir notas de 10 libras e de importâncias superiores. Parece que o dinheiro enfim se põe ao alcance de todos. As notas que, de futuro, continuarão a ser impressas pelo Banco serão as de 5, de 1 libra e de meia libra. O capital estende a mão ao trabalho e senta-se à mesa com ele.

AMPHRISIA

Maceió! Maceió! Que desventura As que passei no teu recinto ameno!... Curvei-me aos pés de Amphrisia, e o seu veneno De vibora do amor me encheu de agruras!

Pulseira informe com safiras puras, Reluzia lhe ao pulso, e o olhar sereno Daquêle monstro envenenou-me, e um treno Cantou-me após, a desfazer-se em juras!

Venus de Maceió, porque és maldita? Teu niveo rosto escravizou-me, creio, Porque a peçonha no teu peito habita!...

E' por isso que, em pânico, te odeio, Embora julgue inestimável dita Sugar veneno em teu fecundo seio!

Ignácio Raposo

CABAZ DE CANTIGAS

Nesses teus lábios em flor Um beijo longo e profundo Vale uma vida de amor E dura só um segundo!...

Só porque usas saltos altos Não te julgues mais do que és. O valor mais a virtude Não se medem pelos pés!

Qual grande testa franzida O mar às vezes parece. E' que a água, como a vida, Muito agitada aborrece.

Com promessas amorosas Resvala a dama mais rica. A colhêr bem lindas rosas A mão mais bela se pica.

A tua bôca formosa, No jardim desse teu rosto, Tem espinhos como a rosa Onde me pico por gosto!

Quando te olhei embebido Fizeste-me uma carranca, Mas um jeito do vestido Mostrou-me a bandeira branca!...

Só por te dar uns risinhos Já ficaste radiante!... A água topa os moínhos, Beija a roda e passa adiante!...

Por causa de um piscar de olho Quanta vida transformada! A môsca que cai no mólho Raro não morre afogada!

Casais, 1943

Francisco Pires

Em redor duma conversa!

por Garcia Martins

Ex.º Sr. Dr. João Tendeiro

Embora o título com que baptisei este trabalho pareça deixar prever um nunca acabar de frases, a verdade, porém, é que me esforcei por fazê-lo curto (tão curto quanto possível) para tranquilizar o espírito dos leitores, e muito especialmente o de V. Ex.ª que me pareceu receber uma resposta à guisa de folhetim - daquêles que vêm nos jornais e que dão pano para mangas...

O artigo de V. Ex.ª - "Conversa Amena" - deixou-me um tanto ou quanto confundido porque, depois de ter afirmado que continuava a «crer que não há efectivamente, paradoxo...» «na contradição aparente de se ter vistas diferentes sobre Plástica e sobre Poética», deixa concluir, pelo que transcreveu da Revista Transtagnana, que o conceito de pintura abstracta está perfeitamente integrado no conceito da poesia.

Ora isto é verdade pois que a abstracção, dentro do Plasticismo, pode considerar-se como sendo uma materialização superior de arte poética, mas... o inverso já não se dá, isto é, o conceito de poesia não pode confundir-se com o da pintura citada.

E embora isto pareça mais que irrisório, a verdade, porém, é que é assim. Para corroborar a minha afirmação posso citar as poesias

«O vos omne» e «Pesadêlo» de Miguel Torga; «Horizonte» de Fernando Pessoa; «Elegia bufa», «Pomas da carne espírito» e «Caos» de José Régio, cujos conteúdos têm muito de poesia e nada de pintura abstracta. E, aliás, como pode integrar-se dentro deste Plasticismo intimista a poesia dos místicos Miguel Trigueiros ou Ruy Cinatti?

Recordo, para não ir mais longe, o caso de Maria Keil do Amaral que pretendeu interpretar alguns sonetos de Antero, não conseguindo cabalmente a realização da ideia porque da poesia para a pintura vai um salto bastante longo.

Ora se nós admitíssemos que os conceitos de Poética e de Arte abstractiva se confundem, evidentemente que não poderíamos afirmar que o paradoxo deixara de existir na diversidade de opiniões sobre os temas em causa - Poesia e pintura abstracta - pois que, a partir desse momento, elas seriam uma e a mesma coisa, o que é um absurdo.

Por conseguinte parece-me ter havido gralha tipográfica na palavra que a seguir vai sublinhada, quando V. Ex.ª definiu o dimensionismo como «a base da escola poética que quer conjugar os elementos poéticos com os pictóricos».

Em vez de tal palavra devia ter (Continua na 3.ª página)